

Prezadas e Prezados, sonhadores,

Não há nada mais belo do que se doar. Este é um ato de amor.

Sublime...

Há anos, tenho estado em trabalho permanente por algo muito maior do que eu. Há precisamente 23 anos... Eu estava com 18 anos... Conheci a Desembargadora Shelma Lombardi de Kato.

Ela mudou a minha vida sem perceber.

Foi com ela que aprendi o que significava violência de gênero e pude me perceber também vítima dessa história.

Não uma, mas inúmeras vezes.

A violência de gênero decorre da perspectiva de gênero. Na língua portuguesa, temos a classificação da linguagem: a) gênero (masculino e feminino); b) número (plural e singular); e c) grau (aumentativo e diminutivo).

Quando falamos na discriminação de gênero sofrida pela mulher, podemos perceber sentidos diversos na dimensão das palavras (significados ou símbolos). Com a mudança somente do gênero, temos outros contextos: controle e hierarquização.

Mulher honesta significa mulher de conduta sexual ilibada. Homem honesto significa homem probo. Incrivelmente, porque o sentido de honestidade é tão diverso para homens e mulheres? Qual foi a variação? Gênero (feminino/masculino).

De igual forma, o conceito de vadia (prostituta) e de vadio (homem que não trabalha, ocioso)... O que modificou? Apenas o gênero... Para o feminino há um direcionamento voltado ao contexto de desvalorização na condição de seu sexo ou de sua conduta sexual. Para o masculino uma perspectiva voltada ao trabalho (ambiente público) e ao meio social.

Um “homem cão”... É bem diferente de uma “mulher cadela”. Naquele, o sentido figurado nos dá a ideia de ira. Aqui, a ideia sexual prevalece...

A partir dos ensinamentos da Professora Shelma Lombardi de Kato, como sua aluna na Faculdade de Direito da Universidade Federal de Mato Grosso, passei a buscar conhecimentos sobre essa modalidade de violência.

E desde aquela época nunca mais parei. Artigos, livros, estudos, palestras, desenvolvimento de políticas públicas e ações sociais concretas. Lembro-me da construção do Centro Humanizado de Atendimento à Mulher e à Adolescente (CHAMA), de Arenápolis-MT, no ano 2000... Essa foi a minha primeira Comarca como Juíza. Peregrinei para montar esse núcleo de atendimento.

Ao assistir a sua realização, foi como se parte de mim tivesse obtido a cura. Afinal, quando criança, exatamente quando estava com 05 anos, sofri uma tentativa de estupro de um homem desconhecido que invadiu a casa da minha bisavó (Josefina Schuring Haddad).

Graças a Deus, eu consegui escapar (milagrosamente). Nunca mais esqueci aquele rosto.

Isso me faz pensar em todas as vítimas que, infelizmente, sofreram estupro... Umas das piores violências contra as mulheres (condicionamento, humilhação e coisificação).

E quantas, ainda, são assassinadas em seus próprios lares?

Alguém seria dono de suas existências!

Tristes realidades mundiais.

Mas, uma forma de curar e mudar esse quadro... É, exatamente, ao falar...

Sou filha de família árabe. Sempre fui ensinada sobre a minha posição “diferenciada” como menina, desde pequena. Não culpo os meus pais. Eles foram ensinados a acreditar em espaços sociais distintos. Fizeram o que conseguiram fazer. Sei que eles me amaram.

A cultura da violência e discriminação de gênero contra a mulher é uma cegueira... Horrível.

Essa cultura mata... Ou enterra pessoas vivas, sem qualquer direito existencial.

Muitas vezes assisti aos comentários desgostosos e maldosos, mesmo com todo o destaque em notas e aprovações (minha vida escolar/profissional) quanto aos meus “atributos físicos”.

A realidade é cruel... As mulheres são excluídas dos grupos pensantes.

Mas, nunca me contentei com símbolos de beleza ou com espaços domésticos que me foram impingidos. Sempre gostei mais da produção intelectual e científica. E alcançar isso parecia ser antinatural para a minha classificação cromossômica XX.

Sonho?

Estamos aqui. Junto a mim, milhares de outras tecem a sua história, mesmo diante de obstáculos desmedidos.

De fato aprendi... Aprendi que na vida se quisermos construir as nossas identidades verdadeiras, precisamos lutar e não nos acomodarmos ou acovardarmos diante do que nos é imposto.

Quanto à premiação, obtida em votação na Câmara dos Deputados Federal, por ação da Comissão dos Direitos da Mulher e da Secretaria da Mulher da Câmara dos Deputados (Condecoração/Título Dep. Carlota Queirós), estou emocionada e ciente de que essa homenagem não é minha. Pertence a esse ideal muito maior do que eu e que me trouxe até aqui.

Tenho muito a agradecer:

Deus foi misericordioso ao permitir tantos compartilhamentos que me curassem, passo a passo, desse sentimento tão desagradável de exclusão, subjugação e hierarquia.

Deputada Dâmina Pereira, a sua história é mais uma demonstração de que a completude do humano (feminino e masculino) deve preencher todos os espaços sociais. Sua ação em temáticas prioritárias: a) inclusão social, destacadamente, à representação feminina - PEC 134; b) atendimento e acolhimento aos portadores de deficiência - física e mental-, destacando-se, inclusive os Direitos da Pessoa com Autismo; c) políticas de saúde às pessoas com câncer; e d) combate à violência contra a mulher, dentre tantas outras temáticas nobres, fazem-me ainda mais ciente da riqueza deste compartilhar de horizontes, quanto às suscetibilidades humanas.

Obrigada por tudo.

A temática de inclusão das mulheres não é somente uma pauta feminina. É uma pauta da sociedade, globalmente.

Almejamos uma sociedade mais equânime e justa. Mas, essa hierarquia existencial permitiu condicionamentos, subjugação, exclusão, violência, desqualificação salarial e desequilíbrios psíquicos dos mais vastos até hoje.

Como instrumento do bem para o bem, com profissionalismo, dedicação e muito amor, tenho auxiliado nos debates da temática da violência de gênero contra a mulher, além do combate às vulnerabilidades socialmente construídas.

Nem sempre somos compreendidos... E, em realidade, também há muito sofrimento... São inúmeros os obstáculos para se desistir.

Como disse no início, há algo maior do que eu... Isso tem me mantido caminhando.

São milhares de meninas e mulheres que alimentam esses passos. Como filha, mulher, profissional, esposa, mãe, temos muitíssimo a dizer.

Obrigada a todos os que acreditam na equidade.

Obrigada ao meu amor, Joelson de Campos Maciel, verdadeiro Promotor de Justiça, companheiro de vida, eternamente... Por essa experiência de completude ao seu lado.

Obrigada aos meus filhos, Natalie e Tales Mateus, por todos os sorrisos e lágrimas compartilhados. Vocês sempre me motivaram.

Obrigada aos meus avós, pais e irmão (Jamilson Haddad Campos, também Juiz de Direito comprometido com a temática). Vocês são partícipes nessa caminhada.

Obrigada à equipe de trabalho da Unidade Juizado Especial Criminal de Várzea Grande. Vocês são pessoas incríveis!

Obrigada aos amigos e amigas.

Obrigada amada Maria Auxiliadora Gayva, uma guerreira que luta para sobreviver ao câncer. Eu te amo! Você me ensina muitíssimo!

Obrigada a todos os membros do Núcleo de Estudos Científicos da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Mato Grosso. Vocês compartilharam ideais, posicionamentos, questionamentos, instrumental teórico, vivências e, acima de tudo, horizontes.

Obrigada ao Judiciário do Estado de Mato Grosso, por tudo o que aprendi como Juíza, nestes quase 18 anos de Magistratura.

Obrigada a todos que, com palavras e gestos, são generosos em ver para além deste acontecimento.

Obrigada Desembargadora Shelma Lombardi de Kato, por ter me acompanhado, em mente e em coração, até aqui.

D'alma,

Amini Haddad